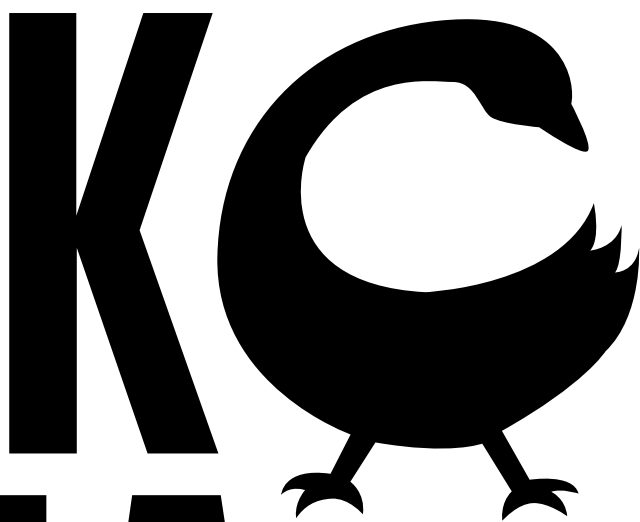


**SAN**

**10 MESES NA ÁFRICA**



**FA**

**ANTONIO  
LINO**

**ANTONIO LINO**

# **SANKOFA**



*Para Jana*

*Sankofa. Mito alado. Ave em migração  
pelo sem fim de todos os tempos. Sempre com o  
pescoço voltado ao céu percorrido. Voa.*

*E canta à humanidade uma sabedoria:  
de trás são os impulsos para a frente. Rumo ao  
futuro, faça presente o melhor do seu passado.*

*À inspiração do lendário passarinho, vantei  
asas pela África. Ao continente ancestral, avancei  
um regresso. Pousei bem. E tive primórdios.*

*Hoje, conto ontens. Amanhã, lerei na mi-  
nha vida: negro sobre branco, Sankofa escreveu-se  
em mim.*

ÁFRICA DO SUL

13 Cidade do Cabo

GANÁ

21 Acra

27 Buduburam

41 Calabash

LIBÉRIA

57 Grand Gedeh

65 New Kru Town

71 Monróvia

GANÁ

89 Buduburam (breve retorno)

95 MARROCOS

ZIMBÁBUE

111 Vic Falls

113 Mbira Maestros

BRASIL

123 São Paulo 40º



# ÁFRICA DO SUL

# CIDADE DO CABO

Primeiro, viajou o chão. Continentes à deriva: a Pangeia rasgada, nadando aos pedaços. Então, as gentes é que cruzaram o oceano: os navios negreiros diminuíram a distância entre o litoral côncavo e a costa convexa. O que a natureza apartou, a história reatou. Na marra.

Tempos depois, eu...

Gavetas ocas. Prateleiras vazias. Bolsos sem chaves. Nos preparativos para a viagem, as coisas foram se desperdencendo de mim. Aos ombros, restou somente o essencial. No aeroporto, despacho meu breve patrimônio (do imaterial continuo bem equipado). E vou abrindo portões de embarque com chaves de papel. Devidamente apoltronado, atravesso oito horas sobre-atlânticas.

Enfim: África.

Os abraços de despedida, ainda frescos no meu colo, não são agasalho suficiente. Um prefácio do inverno impõe cobertura extra às peles multicoloridas que habitam e visi-



tam Capetown, cidade-mãe da África do Sul. Testemunha daquele encontro inaugural entre holandeses e Khoi-Khois, em 1652, a Table Mountain também ostenta trajes polpudos: um denso nevoeiro envolve o maciço de pedra que protagoniza boa parte dos cartões-postais da região. Para alguns, a cortina úmida é vento sudeste condensado. Para outros, é a fumaça do cachimbo de Jan Van Hunks, um fumante inveterado que, desde os tempos da colônia, sobe a este elevado para dar uns tragos com o capeta. Mito ou meteorologia, o fato é que a montanha veste-se de inacessível. Terei que me contentar com os passeios horizontais.

– Keeepp Taaawwnn!!

Da janela da van, o cobrador berra meu destino. Como resposta, ergo o braço, oferecendo-me passageiro. Do subúrbio onde estou hospedado até o centro, vamos de esquina em esquina acolhendo pedestres convertidos (no grito) em clientes. Entrego cinco rands (cerca de R\$ 1,25) ao garganta. E quinze minutos depois, o coletivo me cospe no ponto final.

Vestuário para o frio. Pacotes de tranqueiras comestíveis. Bugigangas eletrônicas. São as ofertas ambulantes. Há até um salão de beleza, improvisado entre paredes de lona, vendendo tranças. Mas conforme afundo os passos nos quarteirões históricos, a vitalidade do comércio em torno da rodoviária vai arrefecendo. Ao sopé de prédios seculares, calçadas limpas são passarela para o turismo, que desfila despreocupado sob a vigilância adornada com coletes verdes.

Assim também no Porto. Letreiros ofuscantes de restaurantes *fast food*. Reluzentes joalherias. Vitrines para o sumo da moda. Encomendado durante os Oitocentos pela Companhia das Índias Orientais, o atracadouro serve hoje ao interesse de outras multinacionais.

Sem interesse pelo comércio, sopro minha nau pelas alamedas arborizadas do Company's Garden. Desvio o trajeto em busca das vozes de madeira de uma banda de marimbas. Rejeito a fortaleza amurada erguida em forma de castelo pelos holandeses. E vou aprender sobre opressões mais recentes...

*For use by white persons*

*These public premises and the amenities thereof have been reserved for the exclusive use of the white persons.*

*By Order Provincial Secretary*

Uso “exclusivo” de áreas “públicas”. Ideias contraditórias forçosamente combinadas pelo intuito de separar. Histórias do *Apartheid*...

Um vasto descampado destaca-se no miolo urbano da Cidade do Cabo. Esse estranho vazio, resistência inusitada à voracidade do cimento, na verdade é uma ferida a céu aberto chamada District 6. Em fevereiro de 1966, a vertiginosa intolerância oficial decretou ao bairro uma só raça. Calcula-se que mais de 60 mil pessoas carregaram suas melaninas para loteamentos áridos, nos cafundós da cidade.

Para não conferir à limpeza étnica ares de perseguição religiosa, as escavadeiras receberam ordens para desviar de igrejas e mesquitas: despovoados de fiéis, só ficaram de pé os templos em vão.

Os marmanjos ficaram barbudos sem as lâminas dos irmãos Majiet. As festas perderam a graça sem a regência de Alf Wyllies. As bailarinas engordaram sem as aulas da professora Suzie. As gangues entraram em recesso sem rivais para enfrentar.

Três meses depois da mudança compulsória, Noar Ebrahim abriu a portinhola que encarcerava seus pombos. Na manhã seguinte, como ele já supunha, não teve de volta nenhum arrulhador. Foi encontrar seus cinquenta carteiros alados pousados mansamente sobre escombros na Rua Cole-don, o endereço que o racismo tomou-lhes a pulso.

Quase vinte anos depois, a exemplo dos pássaros do Sr. Ebrahim, a democracia também voltou para casa.

Tendo dedicado uma tarde toda a vasculhar o bem organizado acervo de memórias do District 6, assino o livro de visitas do museu. Então, vou experimentar o legado de Mandela: no meu quarto de albergue, divido uma beliche com um estudante de Uganda. Junto com uma americana e um holandês, vamos miscigenar num pub. E enquanto cutuco cores redondas sobre o feltro verde, bicando uma Black Label, não resisto às investidas do ataque do Manchester United exibidas em telão.

Diversão mais africana eu teria apenas noutra festa. Desta vez, a convite da Shelley, filha da Cidade do Cabo, esvazio cálices de tintos locais e, me esforçando para não desandar o compasso, somo meus tapas latinos numa roda de djembês.

Em confraternização diurna, tomamos assento num velho besouro azul alugado. Vou de co-piloto, orientando o itinerário da carcaça enferrujada pela contramão inglesa. O percurso margeia um litoral recortado de baías. Pela orla, os pinguins fogem em marcha desajeitada. Já os babuínos, pelo contrário, invadem a pista e se aproximam dos carros (disfarçados de atração exótica, os gatunos primatas aproveitam o interesse dos turistas e as janelas abertas para afanar sacolas e bolsas). Então, alcançamos bordas abismais: os penhascos do Cabo da Boa Esperança.

Nessa curva do mundo, muitas embarcações derraparam para nunca mais. Ao sul da África do Sul, revoltando as ondas, as correntes marítimas de Benguela e Agulhas trocam seus centígrados. Atlântico e Índico temperando-se mutuamente. Imagem potente: encontro de oceanos às vistas de um povo em aprendizado de se misturar.



**GANNA**

# ACRA

Como um anfitrião cortês recebendo seus convidados à porta, o calor despe-me dos casacos, desnecessários agora que o inverno é lá longe. Uma brisa quente vem trazer as boas vindas: Akwaaba! – sussurra o mormaço, em idioma local. Ao final do desembarque, num encontro ainda mais abafado, me espremo junto aos nativos dentro de um *trotro* lotado. As latarias carcomidas, responsáveis pelo transporte coletivo em Acra, capital de Gana, disputam (na buzina e na truculência) lentos centímetros adiante.

O trânsito é de abismar até paulistano.

Empacado no ponto morto do surrado utilitário, vejo o comércio passar sonoro e caudaloso pela rua. Certos clichês desmoronam logo na entrada: em lugar da África que pede, arraigada em mim como estereótipo, encontro uma África que oferece.

Pelas janelas feitas vitrines, admiro o equilíbrio dos ambulantes. De bananas fritas a ovos cozidos. De alfinetes a dicionários. De chaves de fenda a cadarços. De crachás a bolas de futebol... toda sorte de quitutes e parafernalias desfila dentro de bacias, carregadas com destreza sobre incontáveis carapinhas.

Derretendo dentro da estufa motorizada, aceno à hidratação. A demanda aguça a ligeireza de uma moça, que se aproxima, frenética. Uma mão sobe para diminuir o estoque de água mineral ensacada. Mas antes que a transação se conclua, o engarrafamento desentope. Cliente em movimento, sou perseguido. Obstinação, a ambulante se pendura no parapeito fugitivo para entregar meu meio litro plastificado e receber na palma aberta em cuia a sua contrapartida: cinco pesawas [algo em torno de R\$ 0,07]. A venda se arremata em correria. A bacia: sempre atarraxada à cabeça.

Lembro de uma nota em Kapuscinski: “Como surgiram os navios nos lagos no interior do continente? Vieram dos portos oceânicos; lá eram desmontados e as peças transportadas na cabeça dos nativos até a beira dos lagos, onde os navios eram montados novamente. Também foram levadas para o interior da África, peça por peça, cidades inteiras, fábricas, equipamentos de mineração, usinas elétricas e hospitais. Toda a civilização tecnológica do século XIX foi transportada para o interior da África na cabeça de seus habitantes”.

A multidão de carregadores segue em marcha. Correnteza de corpos entre filas de automóveis estagnados. Ou



escoando pelas vielas estreitas dos mercados labirínticos. É a maré da história em refluxo: uma vaga humana me cuspidno no colo todo o lixo ocidental.

Pelos outdoors da cidade, os bancos anunciam empurrões financeiros para os descapitalizados. Os sedentos podem se aplacar com a cevada liquefeita em barris bretões. Não há mais fronteiras no planeta da telefonia. Assim é nos dias de hoje: a emergente Acra se adornando com enfeites de publicidade.

Antes, os marcos de posse do colonialismo eram menos coloridos. Pelo litoral de Gana, contam-se mais de sessenta fortificações erguidas pelos homens do Norte, a partir do século XV, para o serviço de escudos militares e entrepostos comerciais. A roedura da África começou pelas beiradas. Sigo para uma das primeiras dentadas.

Caranguejo três horas pela orla, tangenciando o encontro do país com o mar. Elmina é meu atracadouro: aqui, há mais de 500 anos, petrificou-se o Castelo de São Jorge da Mina, a edificação europeia mais antiga ao sul do Saara. No pátio central, a capela. E em torno da sacristia, os armazéns de gentes, onde os negros eram convertidos em cifrões.

Agrupado a outros turistas, desço para um dos calabouços, fétida ante-sala dos navios negreiros. Mas não resisto muito lá embaixo. O mal-estar é sólido: repetindo o que ouviram, estas paredes entoam um insuportável murmúrio.

Mais um porão. Sobre a entrada, a sentença: *Room of no return*. A fresta exígua por onde entra luz na verdade é

saída. Pelas contas de Luiz Felipe de Alencastro, mais de 300 mil africanos atravessaram esse vão na muralha tendo o Brasil como compulsório destino.

Nos arredores do sítio histórico, patrimônio da dehumanidade, reconheço a herança. As mulheres bóiam suas receitas no dendê fervente. Os homens fecham escapatórias nas redes de pesca. E as crianças interrompem a amarelinha riscada com carvão:

*Obrunie [pessoa branca], how are you?  
I'm fine, thank you!*

Só descansam o coro quando retribuídas com aceno e sorriso... Sob a mira dos canhões enferrujados do Castelo de Elmina, passeio por uma Bahia anglófona.

Na marra, os holandeses tomaram a fortaleza aos portugueses. Depois, passaram-na por moeda aos ingleses, que por sua vez ocuparam a Costa do Ouro sem etiquetas de lorde. Aprendi com um artesão no mercado de artes a história de um famoso tamborete: o assento sagrado dos *ashantis* foi profanado por um burocrata britânico que insistiu em acomodar as nádegas no trono exclusivo aos chefes tradicionais. O povo indignado armou-se em resistência.

Mas ainda demoraria meio século até que os súditos da Rainha definitivamente se erguessem das cadeiras nos gabinetes da administração colonial. Lenta e constante, como uma maresia comendo grilhões, a luta pela independência fi-

nalmente prevaleceu. Em 1957, Kwame Nkrumah, o regente da autonomia conquistada, discursou como soberano num descampado em que os europeus costumavam jogar pólo. Acendera um estopim. Três anos depois, dezessete países africanos também se desabraçariam de seus algozes.

Hoje, o memorável palanque é mausoléu. Nas adjacências do seu leito perpétuo, o líder nacional imortalizado em bronze continua fiel a seu lema: *forward ever, backward never*. Sua estátua tenta um passo a frente.

É preciso: novos imperialismos rondam a economia promissora. Não fazem estardalhaço. Dessa vez, sorriem em painéis de propaganda e infiltram-se sorrateiros nas baciadas de amenidades importadas que pesam sobre a cabeça dos vendedores ambulantes.

A liberdade é escorregadia. Conservá-la é vigília. Exige sentidos atentos. Como os do rastafári que, ao chacoalhar meu recém-adquirido brinquedo de percussão, percebeu um engodo. Abriu as pequenas cabaças redondas. Salpicou para fora os pedregulhos impróprios para a boa música. E recarregou-me o ritmo com o chiado de sementes nascidas em Gana.

# BUDUBURAM

Sigo a pé por Acra, participando da enxurrada humana, quando sou interrompido por uma placa publicitária: com uma série de caricaturas escatológicas, uma clínica anuncia seus antídotos contra doenças venéreas. E oferece recarga na virilidade dos impotentes.

Cruzo um viaduto. Dois homens acorados se aliviam numa das imundas coronárias da cidade. No banheiro público, por vinte pesawas [cerca de R\$ 0,30], receberiam à entrada uma página do *Exammer* para se assear com notícias velhas. Preferem a vala gratuita.

Continuo, gastando as sandálias. Então, me enlaçam o antebraço: é uma criança em trapos, com o rostinho envelhecido emoldurando enormes olhos mendicantes. Sempre ela, no mesmo local. Faz-se carregar por um longo percurso, pendurada de chaveiro. Ensinaram-lhe a tática do constrangimento como fonte de trocados.